

CORREIO PAULISTANO.

CAPITAL.

PREÇOS ADIANTADOS.

Por um anno..... 87000
Por seis mezes..... 47000

O CORREIO PAULISTANO—é propriedade de J. R. de A. Marques

Publica-se nas terças e sextas-feiras, não sendo dias-sanctificados

Subscreve-se no escriptorio da Typographia IMPARCIAL, rua do Ouvidor n. 46.
Os annuncios dos assignantes tem inscricao gratuita até 10 linhas.

INTERIOR.

PREÇOS ADIANTADOS.

Por um anno..... 107000
Por seis mezes..... 57000

Anno III.

S. Paulo 19 de Novembro de 1856.

N. 468

PARTE OFFICIAL.

EXPEDIENTE DA PRESIDENCIA.

Dia 4 de novembro de 1856.

Portaria.—O presidente da provincia considerando achar-se quasi esgotada a quota consignada na lei vigente d'orçamento para as obras da casa de correcção, e entendendo ser absolutamente inconveniente que ellas deixem de continuar no estado em que se acham, resolve, em virtude da autorisação outorgada pelo art. 19 da lei provincial n. 10 de 19 de fevereiro de 1845, abrir na thesouraria sob sua responsabilidade um credito de 8.000.000 rs. para continuação daquellas obras.

Ao chefe de policia.—Significo a V. S., para sua intelligencia, que ficam expedidas as convenientes ordens afim de ser posta á sua disposiçao a escolta, que sollicita em officio datado de hontem sob n. 413, para conduzir á cidade de Taubaté o réo Mariano Fialho, que tem de responder ao jury da mesma cidade.

Ao Dr. inspector geral de instrucção publica.—Communico a Vm. para sua intelligencia, que tenho nomeado para reger interinamente a cadeira de 1.^a letras da Apparecida ao Rm. Francisco Pereira Rangel, contratado pelo inspector da instrucção publica do districto de Guaratinguetá, por haver-se demittido o professor que a regia, devendo o nomeado sollicitar o competente titulo na secretaria deste governo.

Ao inspector da thesouraria.—Illm. Sr.—Mande V. S. pagar a Antonio Salustiano de Castro, empresario da illuminação publica desta capital, a importancia da prestação vencida no mez de outubro ultimo nos termos do respectivo contracto, assim como o que se lhe dever pela illuminação da casa de correcção, conforme o attestado incluso.

Dia 5.

Ao commandante superior da guarda nacional desta capital.—Illm. Sr.—Fico inteirado pelo seu officio de 4 do corrente de haver V. S. nessa dacta reassumido o commando superior da guarda nacional desta capital, por se ter findado os trabalhos da mesa parochial da freguezia do Braz, de que era presidente.

Circular aos presidentes de provincia.—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de participar a V. Ex. que esta provincia continua a gosar de tranquillidade.

Ao presidente da caixa filial do Banco do Brasil.—Illm. e Exm. Sr.—Fico inteirado pelo officio de V. Ex. de 4 do corrente, de ter a caixa-filial do Banco do Brasil nesta provincia emitido para suas operações a quantia de dez contos de réis em 1.000 notas do valor de 10.000 rs.

Ao presidente da provincia do Para.—Illm. e Exm. Sr.—Com o officio de V. Ex. datado de 9 de outubro ultimo recebi dous exemplares do relatório com que no dia 29 de maio deste anno o Exm. conselheiro Sebastião do Rego Barros passou a V. Ex. a administração dessa provincia, cuja remessa agradeço a V. Ex.

Ao presidente da provincia do Parahyba.—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de accusar a recepção do officio de V. Ex. datado de 21 de outubro ultimo,

coabrindo dous exemplares da folla com que V. Ex. abriu a sessão da assemblea legislativa dessa provincia no dia 5 de agosto do corrente anno, cuja remessa agradeço a V. Ex.

Ao presidente da provincia de Pernambuco.—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de participar a V. Ex. que com o seu officio de 23 de outubro ultimo recebi duas collecções dos actos legislativos decretados pela assemblea dessa provincia em o corrente anno, cuja remessa agradeço a V. Ex.

Ao presidente da provincia das Alagoas.—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de accusar o recebimento do officio de 24 de outubro ultimo, em que V. Ex. me comunica haver no dia 20 do dito mez reassumido as redeas da administração dessa provincia, que achou no gozo de perfeita tranquillidade; do que fico inteirado.

Ao presidente da provincia do Pará.—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de accusar o recebimento do officio de V. Ex. de 2 de outubro ultimo, acompanhado de dous exemplares da collecção das leis promulgadas no anno passado pela assemblea dessa provincia, e dos actos da presidencia que formam a 2.^a parte da dita collecção, cuja remessa agradeço a V. Ex.

Ao Exm. Bispo Diocesano.—Tive o prazer de receber a communicação, que V. Ex. me dirigiu em officio de 4 do corrente, de que pretende fazer a solemne abertura do seminario episcopal no dia 9 do corrente, dignando-se convidar-me para assistir a esse acto, ao que me prestarei com muita satisfação, ficando V. Ex. certo de que opportunamente levarei ao conhecimento do governo imperial o mais que V. Ex. pondera a respeito do mesmo seminario.

Ao inspector da thesouraria.—Illm. Sr.—Mande V. S. pagar ao engenheiro Carlos Rath a quantia de 384.800 rs., despendida com os trabalhos da estrada desta capital a Agua-Branca, conforme a feria inclusa, depois de competentemente examinada.

Ao inspector da thesouraria.—Illm. Sr.—Transmitto a V. S. a copia junta do officio dirigido por esta presidencia á essa thesouraria em 30 de abril de 1853 sob n. 426, afim de que V. S. em conformidade do mesmo officio, reitere as ordens necessarias as repartições fiscaes da provincia para cumprimento da ordem do thesouro nacional n. 27 de 19 do dito mez a favor do empresario da companhia brasileira de paquetes a vapor, José Rodrigues Ferreira.

Ao delegado de policia de Taubaté.—Communico a Vm., em resposta a seu officio de 2 do corrente, que nesta data ficam expedidas as convenientes ordens á thesouraria afim de ser posta a sua disposiçao na collectoria dessa cidade a quantia de 20.000 rs. para mandar desobstruir a ponte do Queririm sobre o rio Parahiba.

A João d'Aguiar Camargo Junior.—Communico a Vm., para sua intelligencia, que não julgo conveniente ao serviço publico conceder-lhe a demissão que pede em officio de 26 do mez findo, do cargo de subdelegado de policia da freguezia de Capivary de cima.

Ao Dr. Francisco Ignacio Ferreira.—Fico inteirado de haver Vm. no dia 3 do corrente entrado no exercicio do cargo de juiz municipal e d'orphãos do termo

dessa cidade de Santos, conforme participa em officio da mesma data.

Illm. e Exm. Sr.—Tomo a liberdade de expor a V. Ex. alguns pontos da minha administração, e dos serviços que em parte pode colligir do mappa que apresentei a V. Ex.

No mez de outubro o tempo deixou sempre mais lugar para trabalhar na estrada e principalmente nos concertos da velha, que esteve de Jangale até Rio grande quasi intransitavel com as chuvas. Estes concertos porém não foram possíveis fazer, si eu não tivesse descoberto alguns braços distante da estrada no Pinheirinho uma pedreira, cujas pedras servem muito para este serviço de encher os numerosos buracos das calçadas, como de cobrir os estivados de pão que incommodam tanto os animaes e viandantes.

A pedreira vai crescendo nas dimensões e qualidade; é quartzocóeo e não é crystallina, por isso mais proprio para estrada, material secco, sem cortar os cascos dos animaes. Descubri mais uma outra pedreira tambem na direcção do Pinheirinho porém mais distante tem 800 até 1000 braças mais ou menos. A pedra desta é de granito e rocha viva, sobresahindo muito alto ao ribeirão que lava os pés. O material é bom e custa menos de quebrar; as chuvas não me deixaram fazer ainda o caminho por lá, e como a outra me servia muito não esforcei-me tanto.

Aos lavradores mandei cortar madeiras em todos os rumos no tempo de minguante e antes da primavera para as numerosas pontes que se tem de renovar e fazer em toda a linha da estrada, e para ter madeiras para alguma obra necessaria nos predios da administração que em partes ameaça ruina. Os pedreiros trabalharam para caiar e reboçar os predios, e a casa da administração, os armazens e o rancho do Rio das Pedras, como tambem os telhados de todas as casas, e principalmente este da ponte do rio Cubatão que foi quasi recuberto de novo. A casa da administração levou um concerto inteiro e não está acabado; muito madeiramento se achou podre, as vidraças faltam, os caixilhos estão quebrados, e os soalhos e ferrões furados pelas ratas e ratos, por causa do armazem dos mantimentos que se achava na mesma casa. O ultimo mudei pelo armazem grande aonde se acham agora os trastes velhos e ferramentas reunidos. Dei em casa um quarto e cosinha para o inspector Wicland, que morava a sua custa fóra e o qual tem requerido tantas vezes aos meus antecessores, uma morada ou pagal-a conforme seu contracto porém não foi attendido.

Fiz uma maquina de quebrar pedras a miudo de um peso de 9 arrobas para cima com malhos de ferro batido que se achava enterrado no rancho como ainda alguns outros fora do Cubatão, do tempo do major Bloem que trouxe as, até de servir para a fabrica de ferro—por causa de não poder carregal-as em tal tempo. Esta maquina é transportavel com 4 rodas e é principalmente destinada para quebrar os pontos das rochas que sobresahem no leito da estrada da Serra da Maioridade, que incommodam tanto, e que cortando com a picareta

fazia muitas despezas: além deste destino ella serve muito bem para quebrar as pedras a miudo, mais facil e mais ligeiro do que com serviços de mão.

Os mantimentos subiram mais e mais. Antes custou o milho 8—9 patacas agora 11—12. Toucinho 57 rs. agora 7 a 8 rs. Feijão 47 rs., agora 5 a 67 rs. Farinha 17800, agora 27300 a 27400 rs. e pôde custar para diante 37500 rs.

As colicas com vomitos entre os meus administrados me assustaram pouco tempo, porém quando vi que os curava tão ligeiro, fiquei tranquillizado e a gente tambem não têm mais medo.

Na serra se mostraram alguns negros fugidos—canhamboras—dos quaes se achou só um que se prendeu e que em mandei entregar ao delegado de policia de Santos. Elles roubaram aos moradores e aos trabalhadores allemães mantimentos e outros objectos; abriram os ranchos da serra e tiraram as ferramentas etc.

Deos guarda a V. Ex. Cubatão, 5 de novembro de 1856.—Illm. e Exm. Sr. Dr. Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, dignissimo presidente desta provincia.—Carlos Rath.

Eleições

UBATUBA.

Eleitores.

1 Adriano Antonio da Rocha.....	596
2 Dr. Antonio G. B. da Cunha....	439
3 Dr. Januario José da Silva.....	438
4 José Cornello dos Santos.....	437
5 Luiz Antonio Pereira.....	437
6 Bernardo Corrêa Marzagão.....	436
7 Diogo Antonio Pereira.....	436
8 Joaquim José Madeira.....	436
9 José Manoel da Silva França....	435
10 Francisco José de Castro.....	435
11 Antonio Joaquim Madeira.....	435
12 Francisco Alves Granadeiro....	434
13 Joaquim José Maia.....	434
14 Antonio Francisco Pereira.....	432
15 José Egidio da Costa Ferreira..	431
16 Sebastião Antonio Pereira.....	431
17 Romualdo Antonio de Oliveira..	430
18 João Pedro dos Santos.....	430
19 Manoel Felipe de Oliveira.....	429
20 Francisco Ferreira Alves.....	429
21 Graciano Ferreira Gonçalves....	429
22 Francisco Maria da Costa Paiva.	429
23 Joaquim José Avelino Madeira..	428
24 José Joaquim de Paula Madeira.	426

Supplentes.

1 José Belmiro de França.....	218
2 Manoel Francisco Louzada.....	214
3 Antonio Egidio da Cunha.....	206
4 Antonio Francisco de G. e Castro.	206

S. LUIZ.

Eleitores (conservadores).

Capitão Manoel Jacintho D. de Castro.	
Tenente-coronel José D. de Castro.	
Tenente Francisco Pires de Moraes.	
Joaquim José Maria Coelho.	
Padre Pedro José da Veiga.	
Capitão José Bonifacio de Gouvea e Silva.	
José Bazilio Gomes de Gouvea.	
João Baptista de Alcantara.	
Lucio Lopes Figueira.	
José Maria Maltoso.	

Supplentes (conservadores).

Capitão Bernardino Pereira de Castro.	
Capitão Bento Domingues de Castro.	
Luiz Verissimo Lopes Figueira.	
Tristão das Chagas Muniz.	

Capitão José Domingues P. de Castro.
 Capitão Laurindo Pereira de Castro.
 Generoso Pereira de Castro.
 Anacleto José Gomes.
 João Custodio Ferreira.
 Pedro Paulo Pereira.
 Nuno José dos Santos.
 Cirurgião-mór Antonio E. G. de Gouvea.

ELEITORES DE CASA BRANCA.

Conservadores.

1	José Carvalho de Araujo.	145
2	Vicente Ferreira de Syllos Pe- reira	145
3	Jeronymo José de Carvalho.	145
4	José Gaetano de Lima.	144
5	Antonio José Teixeira Junior.	144
6	Dr. Bento José Labre.	143
7	Antonio José Teixeira de Carva- lho e Vasconcellos.	142
8	Francisco José Rodrigues.	139
9	Baptista Nogueira de Carvalho.	134
10	Aureliano Modesto de Castro.	130
11	José Antonio Rodrigues Meu- des	124
12	Antonio Floriano de Araujo.	124

Os suppletes são do partido — Li-
beral.

PEDIDO

O abaixo assignado não pôde deixar de dar um publico testemunho de sua gratidão e da de sua familia, aos Srs. Drs. Augusto Cezar de Oliveira, e Joaquim Gonçalves Gomide, por isso que estando seu irmão José do Rosario e Oliveira, em tratamento com o Sr. Dr. Reichert, e desenganado por este, como tycico, e desejando o abaixo assignado tentar um ultimo esforço, chamou aos ditos Drs. que generosamente se prestarão, e co-
nhecendo que a enfermidade era hydro-
pezia, praticarão uma operação em que extrahirão do enfermo mais de 6 medi-
das d'agua, e hoje, graças aos cuidados do Sr. Augusto já se acha quasi resta-
belecido.

S. Paulo 15 de Novembro de 1856.

Filicissimo José do Rosario e Oliveira.

Conta de receita e despeza da sociedade—Concordia Paulistana—no directorio de agosto a novembro de 1856.

Agosto 17.—Saldo recebido do ex-thesoureiro.	97840
„ —Recebido de mensalidades e joias dos Srs. socios.	269600
Setemb. 14.—Idem de ditas deste mez.	256600
Outub. 12.—Idem de ditas deste mez.	226000
Novemb. 9.—Idem de ditas deste mez.	235000
„ —Idem que rendeu a subscrição para compra de um lustre.	55000
	Rs. 1:052:040

Despezas ordinarias.

1856.		
Agosto 17.—Dispendido pelo Sr. Administrador.	153680	
Setemb. 14.—Idem dito dito.	158820	
Outub. 12.—Idem dito dito.	144410	
Novemb. 9.—Idem dito dito.	152470	
„ 13.—Por 4 mezes de casa deste Directorio.	200000	
„ —Por impressões de cartas e mais papeis.	16480	825860
	Saldo a favor da caixa.	226180

Despezas extraordinarias.

Por um mez de aluguel de casa que estava atrazado	50000	
Por impressões de cartões que estava atra- zado	10000	
Por 4 duzias de chieras de porcellana.	24000	
Por 8 arandellas com mangas.	36000	120000
	Saldo para ser empregado na compra de um lustre.	Rs. 106180

S. Paulo, 13 de novembro de 1856.

O Thesoureiro Luiz Antonio Gonçalves.

VARIEDADE.

Carta do visconde de Kikiki, a sua esposa a viscondessa do mesmo título.

I.
 Meu amor, tenho a dizer-lhe
 Que me pozirão um olho
 Do tamanho d'um repolho !
 Um tal sopapo mamei,
 Que atomatado fiquei.

II.
 E fui de vontas ao chão,
 E fiquei, segundo é fama,
 Qual carrapato na lama.
 Um Morcego me valheu,
 Pois foi quem do chão m'argueu.

III.
 Foi o caso : ha-de saber,
 Pois do certo a coisa sôa,
 Que o povinho do Lisboa,
 Que tem muitos innocentes.
 Tomou o fraio nos dentes.

IV.
 Sahio á rua, berrando
 Viva El-Rei, o pão barato ;
 E não houve cão nem gato,
 Da relé, que não berrasse,
 E aos grupos se associasse.

V.
 O mulherio, descalço,
 Fez mui bem o seu papel :
 Era tamanho o tropel
 Dos gretados calcanhares,
 Que era o rugido dos mares.

VI.
 Eu estava no Rocio,
 Do Freitas no botequim,
 Quando senti o motim ;
 São á rua, o sem mais nada,
 Chucei uma bofetada.

VII.
 Aos gritos de viva o Rei,
 Viva o pão a trinta réis,
 Desmaucharão-me os annéis
 Do chinó, e me rasgarão
 O paletó, que apanharão.

VIII.
 Quiz puchar do meu estoque,
 Dar as minhas estocadas,
 Mas sobre mim as pedradas,
 Forão tantas, que tremi ;
 Dei ás canellas, fugi.

IX.
 Felizmente, uma madama
 Encontrei na rua Augusta,
 A senhora não se assusta,

Tavo de mim compaixão,
 Estendeu-me a nivea mão.
 X.

Metta-se aqui, me diz ella,
 Todo dentro deste vão
 Da minha saia-balão.
 O conselho aproveitei,
 Dentro della alapei.

XI.
 Apesar de ter soffrido
 Um excessivo calor
 Neste sitio encantador ;
 Juro pela vida minha,
 Que gostei da tal casinha.

XII.
 Salve, rainha das saias,
 Saia monstro, eu to bem digo !
 Contarás sempre comigo ;
 Será teu o meu dinheiro,
 Teu sera o meu tinteiro.

XIII.
 Desta, senhora, escapei,
 Graças á tal senhorita,
 Que me cedeu a guarita,
 Da qual são são e salvo,
 Mas com cara de papalvo.

XIV.
 Ao correr pelo Chiado,
 Fugindo ás iras do povo,
 Encontrei um grupo novo,
 Que berrando — pão barato,
 Fez de mim gato-sapato.

XV.
 O senhor Hermenegildo,
 Commandante da relé,
 Arrumou-me um ponta-pé,
 Salvo seja, no trazeiro,
 Que calhi n'um atoleiro.

XVI.
 Ao erguer-me, o meliante,
 Deu-me n'um olho um sopapo,
 Lucto, brigo, enfim me escapo,
 Chegando com muito custo
 A minha casa com susto.

XVII.
 N'outra de certo não calhe
 Este seu Kikiki ;
 Em calças pardas me vi.
 Olhe, prima, metto dó,
 La se me foi o chinó.

XVIII.
 E o meu olho esborrachado,
 Que me parece um tomate !
 Foi um grande disparate,
 Metter-me eu, tendo juizo,
 Com gente que não tom sizo.

XIX.
 Mas que quer a viscondessa ?
 Se eu não tenho mão em mim ;
 Em sentindo algum motim,
 Sou Achilles, sou Roldão,
 Tigro, panthera, leão.

XX.
 Ferve-me o sangue nas veias,
 O sangue de meus avós ;
 Aquelle sangue que nós
 Herdamos, nobres mortaes,
 Por culpa de nossos pais.

XXI.
 Agora na cama estou
 A caldinhos de gallinha,
 Que a minha santa vizinha
 Me fornece, Deus louvado !
 Com carinho, e com cuidado.

XXII.
 Não se assuste a viscondessa,
 Não tenho perigo algum ;
 Salvei o numero um,
 O — moi — a pessoinha,
 E mais a minha casinha.

XXIII.
 A respeito dos tumultos,
 Calo bico, e faço pausa ;
 Não ha effeito sem causa.
 Dizem os sabios por cá,
 Senza pecunia niente si fá.

XXIV.
 Que houve soberanos na festa,
 Diz o povo á bocca cheia.
 Eu bem sei que a coisa é fraia,
 Mas ninguem sabe por ora
 Quem poz a Bernarda fóra.

XXV.
 Ha quem ponha a carapuça
 Na cabeça dos Migueis,
 Consultando outros papeis,
 Alguem disse na botica
 Fóra a Matrona da Bica.

XXVI.
 Outros dão pai á criança.
 Pondo a bocca envenenada

No pobre Matheus Torrada.
 E ha quem diz que esta esperteza
 Viera da não franceza.

XXVII.

Nesta balburdia não sei
 O que deva ajuizar ;
 E como não quero errar,
 Fico me em trinta até vêr,
 E o mesmo deve fazer.

XXVIII.

Corre agora cá na boixa,
 Que temos bis sexta-feira,
 Está tudo em pasmacoira ;
 E pelo sim, pelo não
 As portas trancando vão.

XXIX.

Todo está senhora, a postos,
 Temendo que haja mostarda ;
 Generos do capa parda
 Combatem nos botequias
 As causas destes motins.

XXX.

Deus super omnia : talvez
 Qua a Trindade melhor penso,
 E que por ora dispense
 Os seus galunos até
 Que venha melhor mare.

(Do Correio da Tarde.)

Uma antiga escudeira (*) do Hypodromo pediu, por meio de uma carta, ao celebre Proudhon conselhos para entrar no caminho da virtude. Eis a resposta que obteve :

Senhora.— Não sei o que pense de vossa original epistola. Seria algum accesso de alegria louca que vos suggeriu a idéa de tentar a sizerde de um pobre pai de familia, muito abaixo de sua reputação ; ou seria um desses cansaços invençiveis que formão a amarga compensação da embriaguez continua de vosso estado ?

Pelo tom meio triste, meio ironico de vossa carta, não sei deveras a que julgue, e conheço pouco o mundo onde tendes vivido, para saber o que pôde passar pelo cerebro de uma antiga escudeira do Hypodromo.

Nesta incerteza, tomo o partido do proceder como vós, senhora ; responderei ás vossas perguntas como se ellas fossem sérias, e deixarei correr um pouco a penna, como se tivesses mais vontade de rir do que de converter-vos.

Estabelecamos primeiro alguns principios. Segundo dizeis, não acreditais na virtude dos homens mais do que nas das mulheres. Não me admiro disso á vista da vida que tendes levado ; mas deixemos de parte a misantropia ; também o rigorismo : succede com a virtude como com a saúde. A virtude, segundo minha opinião, não é senão a saúde do coração, como a saúde é a virtude do corpo.

Tomando-se ao acaso cem individuos, quantos julgais encontrar perfeitamente sãos ? Nem cinco, talvez nem tres, e a prova é que ha muito pouca gente que morra de velhice depois de ter passado a vida sem molestias. A insanidade do corpo é hoje a condição commum da humanidade, apesar dos 100,000 conselhos sãos que cada anno alista os conselhos de qualificação, e apesar dessa multidão de mulheres bonitas que povoão nossas cidades e campos.

Pois então, senhora, esta raridade de saúdes perfectas, faz-vos declamar contra a saúde ? Pretendeis por isso que a molestia é nosso estado natural e normal ? Suppondes que são hypocritas os pontos que se dizem perfeitamente bons ; e concluis que devemos abandonar-nos ás alternativas do calor, do frio, da humidade e de uma alimentação desordenada ?

Não, certamente, ha alguma cousa, ao contrario, que vos diz que a saúde é a lei dos seres vivos ; que é ella que forma o fundo de nossa vida ; quando a perdemos cumpre-nos procurar-a ou deixar-nos morrer de inercia e de inanición ?

O mesmo se dá com a virtude ; ha alguma cousa della por toda a parte, mas nunca ella em toda a sua inteireza. Não sei, senhora, quem preparou vossas idéas sobre a virtude ; naturalmente, quando menina, recebestes-as em algum convento.

Mas como ha ainda, em vós vida e saúde, vigor mesmo (e vossa carta é a prova), assim também, ouso jurar-o, ha em vós virtude ; o desgosto, o despeito de vossas fraquezas, a humilhação de vossos desenganos, são as unicas causas que vos impedem de vel-a.

Deixemos de parte as Ignez e as Magdalenas, esses typos da innocencia e do arrependimento ; ha virtude em vós, digo-vos eu, e tenho boa razão para dizel-o : é vosso proprio testemunho, é vosso desejo profundo de ter ainda mais virtude, como um convalescente que aspira ter saude perfeita.

Este primeiro principio não vos parecerá desesperador, segundo penso. Eis aqui agora um outro para o qual chamo também vossa attenção.

E' um fac o que os animaes—ficai descaçada que não faço comparações—é um facto que os animaes não conhecem nem o aborrecimento, nem o desgosto, nem a saciedade, nem o desespero, nem uma só dessas molestias que a companhia a perda da saúde moral, quero dizer da virtude, se me permittis que eu profira na actualidade semelhante palavra.

A razão disto consiste em que os animaes, infinitamente menos apaixonados que os homens, obedecendo ao instincto e ás suas leis inflexiveis, não estão, por assim dizer, expostos a perder esse equilibrio, essa saúde da alma, sem a qual os homens não podem viver. Por este lado, a existencia dos animaes é protegida mesmo pela sua animalidade ; eu não digo que elles sejam puras machinas, mas digo, no sentido moral, no ponto de vista da superioridade que nos caracteriza ; que elles não tem verdadeiramente alma.

Onde quero chegar com esta observação de historia natural ?

Eis aqui a natureza e cheia de analogias ; a exemplo dos animaes, as pessoas occupadas de cousas sérias, triviaes mesmo—porque o que o commum dos homens chama sério, não é para os artistas, senão trivial—essas pessoas, digo, trabalhadores, artistas, sabios, funcionarios, etc., etc., não conhecem o aborrecimento ou pouco o conhecem. Não experimentillo, como não experimentillo todos os ma-

symptomas que caracterisam no homem uma corrup- ção avançada, senão quando lhes succede aahirin de suas occupações para se entregarem a preguiça, ao prazer e ao deboche.

Essas pessoas são animaes, e vós, senhora, e vos- sas companheiras do theatro do Hypodromo, e os vadios que parão a vida comvosco, sereis por acaso, creaturas nobres, privilegiadas, os reis e as rainhas da criação?

Desaño-vos a que me respondais que sim; pre- sentis qual poderia ser a minha replica.

Assim, fica estabelecido que a gente de trabalho, de estado, de negocio, as almas que lullio emfim, são pouco ou nada sujeitos ao aborrecimento e aos vicios que o engendro; ao contrario, aquelles que brincão, que se divertem, que vadião, que namorão, que sonhão, que vivem, que comem, que danção e que cantão, os poetas, os artistas, os padres e tra- pitas, todo esse trunfo pretendidamente superior, está irremediavelmente entregue ao deboche, ao des- gosto, á vergonha, á peior que a morte.

Ainda um pouco de paciencia, senhora, e voi- concidir.

Encontro em vossa carta uma phrase curiosa, e que vos pinta dos pés á cabeça: "Filha de uma fa- milia honrada, teria eu podido, como muitas outras, desposar um honesto burguez, ter filhos, etc., etc. Mas ah! temi o aborrecimento de uma existencia tão pouco accidentada, e lancei-me de corpo e alma n'uma existencia casual."

Fixastes nisso, senhora, uma grande asneira; mas como não é totalmente falta vossa, tambem o mal não é de todo sem remedio.

Todas estas decepções tem a sua causa primaria em um nobre sentimento da dignidade humana, sentimento que deve reconciliar-vos comvosco mes- mo, e restituir-vos a coragem. Tendes no mais ele- vado grão a consciencia da liberdade e o horror des- sa monotonia, dessa escravidão que nos impõe o na- tureza, e que se resume nesta palavra: o TRABALHO. Aqui senhora, acreditai-me, não fallo ironicamente. Convido-vos a terdes desanção a lei do trabalho, que vos conservaria na senda trilhada por vossos pais; luto-vos porém, por haverdes comprehendido, ainda que de um modo confuso, que o homem, mes- mo supportando a lei do trabalho, deve combater de continuo as trivialidades da existencia. A vossa desgraça fui reparar pelo pensamento estas duas cousas: TRABALHO E LIBERDADE. — TRABALHO E AMOR. — Vós dissestes: deixarei de par- te esta escravidão laboriosa e toda essa trivialidade de vida commum; e me consagrarei exclusivamente á liberdade, á arte, ao amor. E tornaste-vos uma mulher livre, artista, amante, um ente phantastico e apaixonado, levando a phantasia e a paixão até a saciedade.

O resultado vos é conhecido. Seguindo apenas o bello e o ideal, chegastes ao grosseiro e ao igno- bilis de livre que ereis, tornaste-vos escrava; de- xando de ser fortalecidos por uma causa viva, forte e real, os gostos da vaidade, da arte e do amor só vos deixarão o vacuo, a ignominia e a degradação.

Que fazer agora? perguntai-me. Sim, senhora, não posso mais convencer-vos nem pelo raciocinio nem pela vossa propria experien- cia, visto que vaitais cullocada fora das condições da vida normal. Não posso mais que affirmar-vos a verdade do que vou dizer-vos. Seguireis o meu con- selho de desprezar-vos e está nelle para vós a vida ou a morte, e o que é mais ainda, como vos disse, a honra ou a infamia.

Tendes vinte e oito annos, o primeiro periodo da vossa juventude passou; resta-vos o segundo, doze annos da idade mediana de uma mulher, dos vinte e oito aos quarenta. E' ainda um futuro.

Quebrai já com toda a especie de amor. A pri- meira cousa que tendes a fazer é tomar posse de vós mesma; desgraçadamente não tendes sido até agora mais do que a escrava de outrem! Ha de custar-vos a principio, assim o deveis esperar; por- rém, se a luta é penosa, a victoria vos será satisfac- toria. Possuir-se, comprehendê-lo, ser livre, enno- brecer-se no corpo e no coração, governar os senti- dos, é o que se chama castidade. Não sois ja vir- gem, e' verdade; a perda pôde reparar-se; podeis ainda ser casta.

Dois annos pelo menos deste regimen vos são in- dispensaveis. As tentações serão vivas; aquelles que, tendo-vos conhecido, vos virem mudar de vida; aquelles que, vendo-vos mudar de vida, se letribra- rem do vosso passado, empregarão tudo para vos requestrar, e usarão de todos os meios para vos sub- judgar. Não affrouxeis, ou está perdido tudo. Des- prezai aquelles que vos ridicularisarem; não pôde escapar-vos, por muito pouco que conheçais o cora- ção humano, que o despeito terá mais parte nos seus sarcasmos do que o zelo e a virtude. Uma esauadeira deixar os amantes antes de que elles a abandonem, é imperdoavel! Não concedais cousa alguma á sua sensuallidade, e até repelli-os. E' isto o que os padres chamão mortificação, e eu vol-o aconselho, não porque haja neste regimen alguma virtude mag- nifica, mas porque nos obriga, por assim dizer, a dominar a natureza, e espirituaes, por assim dizer, o nosso ser.

Não me dizeis quees são os vossos meios actuaes de existencia; porém, sejam elles quaes forem, é preciso augmental-os ainda, desenvolvei-os, appli- cal-os, recolhendo uma profissão, abraçando uma carreira.

Tendes intelligencia, espirito, uma orthographia irreprehensivel, e estylo e não fallo dos vossos outros talentos, que me são desconhecidos. Nada vos fal- ta, e podeis ainda distinguir-vos na vida séria.

Imaginal que estais na sociedade como Robinson em sua ilha, sosinha, com alguns recursos que vos deixou a fortuna. E' mister viver, e se desde já a vida vos está segura, é preciso alargar e elevar a sua esphera. Terieis morrido por ventura cobarde- mente, no lugar Robinson, á beira do mar, em lo- gar de trabalhar como elle trabalhou durante vinte e cinco annos? Ora bem! Sois melhor que Ro- binson, e podeis fazer mais do que elle fez.

Supprimi de vossas leituras os romances e os ver- sos. A vossa imaginação reclama um estudo mais fructifero e puro.

Lêde a historia, as viagens, a geographia, as sci- encias; chegai até á philosophia se vos parecer.

Em uma palavra, conservando-vos o que a natu- reza vos fez, artista, trabalhai, occupai-vos em- pyrhendê-lo, dirigindo em vossa nova vida o vosso talento de artista, enobrecê-lo de continuo os vossos trabalhos e empresas. Não gostais da economia domestica? E' porque a não conheceis ainda bem. E' preciso muito talento a uma mulher, fical certa d'isso, para fazer do seu aposento um quadro e uma paisagem. E' portanto a isso que ellas se devem consagrar; caçarolas, panellas, moveis, são mais repugnantes de tocar do que tintas e pinceis? E' depois, me dizeis-vos, qual é o fim, o alcance de tudo isto? Depois? senhora, E' preciso pri-

meiro acreditar-me sobre palavra, visto que me to- mais por vosso medico; começai o tratamento e se- gui-o com resolução, e quando vos tiverdes adianta- do neste caminho, eu vos direi o que deveis fazer. Mostrar-vos-hei o fim supremo da vida universal, fim para o qual tiveste a felicidade de fazer con- vergir todas as vossas forças.

Sãodo-vos, senhora, com estima e affeição.

P. J. PROUDHON.

(*) Comparza de Circo Olympico.

Fragmentos da carta de Ambrozio Ta- camela de Paris, publicada no Correio da Tarde, n. 260.

Conta-se no pessoal da embaixada que a S. Petersburgo acompanhou o conde Morny, o bibliothecario do corpo legisla- tivo, Mr. Miller, distincto helleno, que já nos restituiu uma infinidade de textos de autores gregos que se julgavão perdidos, e que agora vai fazer minuciosas indagações nas bibliothecas de S. Petersburgo. Ou- tro sabio fará com os manuscriptos fran- cezes o mesmo que Mr. Miller com os gregos. Os archivos de S. Petersburgo encerrão uma infinidade de documentos relativos á historia nacional de França. Como é que sabirão dos depositos publi- cos deste paiz para a capital moscovita? Eu o digo.

Em 1789, quando o povo soberano de- molia a Bastilha, doitáro-se pela janella fóra os archivos e mais papeis daquella horrorosa prisão d'estado, e apanhava os quem queria; os ardeiros estavam cheios delles como os das Tulherias depois da revolução de fevereiro de 1848, em que por toda a parte se vião folhas votantes, jornaes, cartas intimas e papeis de estado. Ora, no dia em que a Bastilha foi tomada passava por ali um russo, por nome Do- browski, que levou quanto pôde apanhar. D'ahi a uns mezes dava-se o mesmo com a abbadia de S. Germano; o levava tam- bom, ou comprava por infima quantia; o mesmo homem, preciosos manuscriptos, que erao, por assim dizer, monumentos unicos na historia de França.

Em 1805 comprou o imperador Ale- xandro a colleção do russo e deu-a do presente á bibliotheca de S. Petersburgo. Bem vião porém os russos que aquillo lhes não pertencia legitimamente, e por isso, em 1812, ao aproximar-se-lhes Na- poleão, temendo o governo que esta lhe apanhasse os preciosos manuscriptos, or- denou que os mettessem em bons cofres, e que assim fossem expedidos para os ul- timos limites da Russia, para a provincia de Olonetz.

Ainda hoje ha um guarda incumbido de velar os, com tanta solicitude como o dragão ás maçãs do jardim das Hesperides. Ao retirar-se á noite, fecha cuidadosa- mente a porta á chave, pega em uma cor- da, amarra com ella as duas argolas, deita em cima do nó uma boa camada de lacre, e pespega-lhe em cima o sello do estabele- cimento, onde ninguém pôde entrar senão com ordem expressa do Imperador.

Milhares de papeis relativos á historia de França se acham effectivamente ali; cartas importantes dos Reis e Rainhas de França, Francisco I, Henrique II, Carlos IX, Catharina de Medicis, peças diploma- ticas de Richelieu e Mazzarino, manus- criptos inéditos de Rosseau, Voltaire e Henrique IV.

Já que fallamos em Voltaire, diremos que ali se acha uma obra inédita do gran- de escriptor, intitulada o direito do senhor e uma carta de 1770, da qual se deduz que, apesar de toda a sua proverbial in- credulidade, mandava então construir á sua custa uma igreja em Ferney.

Os mais importantes entre aquelles pa- peis são os que provêm na Bastilha. Si a França pedisse a restituição delles, ali se acharia talvez o segredo do homem da mascara de ferro. Na bibliotheca do ar- senal em Paris se achão alguns fragmen- tos dos archivos da Bastilha; os papeis de S. Petersburgo seriam talvez o seu com- plemento natural.

Graças porém ao infatigavel zelo do sabio mandado a S. Petersburgo, si não voltarem a França os originaes, virá ao menos uma copia das peças destinadas (quem sabe?) a descortinar os mysterios da Bastilha.

A proposito do mascara de ferro. Ha nos archivos de S. Petersburgo curiosos pormenores sobre uma personagem mys-

teriosa que por ordem do Luiz XIV foi presa na Bastilha e ali miseravelmente se finou. Era um padre do oriente, de al- tissima posição, que então minava os pro- jectos politicos de Luiz XIV. Um dia foi mandada sabir aquella mysteriosa perso- nagem de Constantinopla, e foi conduzida á Bastilha, onde largo tempo foi conser- vada no segredo. Foi em vão que a Tur- quia o mandou procurar por toda a parte, ninguem lhe soubo dizer o que della fóra feito. Ao embaixador francez dizia en- tão o ministro dos negocios estrangeiros naquella capital: « Ordenou-me Sua Magestade vos dissesse que não era possi- vel ter mais bem aferrolhado o preso; só o vê quem lhe dá de comer, e isto mes- mo só por gestos lhe falla, e até se desvia delle quando o acompanhava á missa nos domingos e festas de guarda.»

Acha-se esta carta nos archivos do mi- nisterio dos negocios estrangeiros em Pa- ris, e sem duvida se refere ao mascara de ferro.

Dois palavras, compadre, acerca da Bastilha e do mascara de ferro, servirão de complemento a quanto acabo de dizer.

A 11 de julho de 1786 tomáro os pa- risienses a viva força da Bastilha, horro- rosa prisão de estado que assombrava a sua capital desde o fim do seculo XIV. Os pavorosos mysterios da Bastilha, regis- trados na historia, são sem conta. Tam- manho ardor de odio puzerão os liberaes de demolir aquelle monumento da tyran- nia, que poucos dias depois da sua toma- da nem já ruinas delle ali appareção. Era uma praça rasa com esta inscripção no meio. Aqui se dansa. E de facto ali dansava toda a cidade.

Onde ora a Bastilha, via-se ainda não ha muitos annos um elephante de enor- mes dimensões, e se eleva hoje a colum- na de julho, consagrada aos martyres da revolução de 1830. Tem no cimo o ge- nio da liberdade e está coberta de chapas de bronze nas quaes se lêem os nomes dos cidadãos que morrerão nos memoraveis dias 27, 28 e 29 de julho de 1830: no pedestal tem baixos relevos de grande perfeição. E' mais alto que a columna Vendôme, em que já uma vez que lhe fallei.

Veaha agora o mascara de ferro.

E' o nome que se deu a um persona- gem mysterioso que excitou ao ultimo ponto a curiosidade publica em França, que toda a sua vida esteve preso, o mor- rou na Bastilha a 19 do novembro 1703, na idade de 40 annos. Trasia sempre mascara de velludo preto, e por isso ni- guem lhe viu nunca as feições; foi toda- via tratado com honras de principe. Achando-se n'um castello situado nas ilhas de Santa Margarida, proximo ás costas de França, e querendo vêr si achava por acaso uma alma compassiva que se condoesse dos seus infortunios, lançou pe- la janella fóra um prato de metal, no qual gravára o que quer que fosse, o prato foi apanhado por um homem do campo, e levado ao governador, que só poz em li- berdade o innocente delator depois de se haver certificado bem de que não sabia ler. Assegurão outros que fóra uma ca- misa lançada pela janella, causa da mor- te de um desgraçado que achava. Seja como fór, o que é certo é que nunca veio a saber-se positivamente quem tal prisione- ro fosse, e que por morte delle se lhe mandou queimar toda a mobilia, derreter a prata e caiar as paredes da prisão.

Pensarão alguns que era o duque de Beaufort; outros que era o duque de Montmouth; o que é todavia mais vero- simil, e quasi geralmente acreditado, é que era um irmão gêmeo de Luiz XIV, sacrificado a rasões de estado. Este ob- jecto tem inspirado alguns dramaturgos francezes.

Aposto eu, meu rico Sr. André, que si á comadre acontecesse o que succedeu á mulher de lord Granville, no dia da co- roação da Russia, não mostraria o mesmo sangue frio com que ella ficou.

Ao entrar o cortejo no Kremlin, des- laca-se-lhe um magnifico collar de perolas finas que levava ao pescoço, e separadas do fim em que estavão enfiadas, ellas abi- vão para o meio do chão. E vão lá em

busca dellas no meio daquello aperto im- menso!... Pensa que se ouviu uma só palavra de descontentamento da parte daquella senhora? qual historia? qual historia!... ficou fresca como uma alface, e continuou o seu caminho, deixando atraz de si o que houvera feito a fortuna de algumas pessoas. O que é certo é que ninguem ora capaz de apanhar mais lar- de uma só perola, pois todas ellas, debai- xo de milhares e de milhares de pés, ha- verião sido mil vezes pulverisadas.

Ahi vai um facto bem caracteristico da originalidade ingleza, e uma prova mais de que para ganhar dinheiro não renun- cião estes senhores a meios os mais torpes.

Está ainda hom presente na memoria de todos a execução do famoso envenena- dor Palmer. Pois muito bem! o seguin- te cartaz foi pregado, por occasião da cor- rida de cavallos nos sitios mais publicos de Wilmslow:

« João Fletcher, dono da Hospedaria da Corda, tom a satisfação de annunci- ar aos seus numerosos amigos e ás pessoas que vierão ás corridas de cavallos de Wil- mslow, que tomou a seu serviço João Smith, que justicou Palmer, em Stafford. Participa-lhes tambem que teve a fortuna de haver, por intermedio de um amigo, o molde exacto da cara do cadáver, e com todas as suas feições e physionomias, por meio do qual reproduzirá o criminoso com o proprio facto que trazia no dia em que o senforcação. Levantar-se-ha um cadafalso, no qual dois homens exercita- dos nesse mister, darão duas vezes por dia em quanto durarem as corridas, a repre- sentação daquella memoravel execução, as 10 horas e ao meio dia.

« Preço de entrada shellin e meio, em- pregados em comida e bebida.

Haveria outro paiz no mundo, compa- dre, em que a alguém passasse pela cabe- ça uma tal especulação?

E-haveria outro tambem em que a poli- cia a permitisse?

Deve exercer-se a liberdade quando com ella se violão todos os principios de uma bem entendida moralidade?

Si é para isto que a liberdade lhes ser- ve, podem limpar a mão á parede; senho- res inglezes!... Si o padre Ventura sou- besse desta, antes de publicar a sua Mu- lhor Catholica, não lhe escapava decerto.

Fallei-lhe ha pouco, compadre, no grande sino de Westminster; pois saiba que está já a bordo do navio que o deve transportar ao seu destino. Mas sempre lhe digo que para o metter ali, furão can- nas com canços. Depois de elevado a certa altura perpendicular ao meio da embarcação, viu-se que não corria um dos cabos á roda lá de certa roldana, e foi preciso remediar o caso; carregando por- rão então o peso para um lado só, desa- bou o monstruoso sino, e veio á terra! Si assim como estava a 16 ou 18 polega- das da tolda estivesse ainda na elevação de 10 pés a que chegára, era um momento emquanto submergia o navio, que assim mesmo ficou bastante damnificado, e aberto de ambos os lados, a ponto de ser necessario principiar logo a dar á bomba, pois fazia agua a valer; e tanto assim que se chegou a recoiar que fosse o pique.

O caso agora é que no acto de desem- barcal-o não tenhamos catastrophe!... De que servirá uma monstruosidade da- quellas, não me dirá, compadre? E qual será a torre que resista a um peso daquel- les? Será prudente não lhe passar por baixo.

GAZETILHA.

A Revisto Commercial de Santos, n. 22, de 13 do corrente mez chamou a at- tenção do governo imperial, e especial- mente do Sr. chefe de policia da corte para o facto da prisão de um individuo de nome Gregorio José Engel, filho de pais allemães, morador no districto de Itapecorica, o qual na vespora do dia 9 retirando-se da capital para seu sitio, fora prezo por uma escolta sob o frivolo pre- texto de ser dezertor do corpo de perma-

antes da corte, e algemado conduzido para Santos afim de ser remetido para a corte. Acrescenta a mesma folha que este individuo não é desertor, que nunca foi soldado, e que muitas pessoas que o conhecem assim o querido jurar, bem como que era honesto lavrador, filho mais velho de mãe viúva e idosa, e arrimo unico de seus irmãos menores.

As peças officiaes que abaixo publicamos demonstrão quanto é destituida de fundamento a allegação da Revista Commercial, que provavelmente deixou-se levar de falsas informações. O facto assim esclarecido dispensa-nos de outras observações.

(COPIA) Illm. e Exm. Sr.—Pelo surriel commandante do destacamento aqui estacionado remetto preso o desertor Gregorio José Inglez, cujo aqui appareceu a poucos dias, vindo das partes do Rio de Janeiro e com o nome de Joaquim José dos Santos. Deos guarde a V. Ex. muitos annos.—Delegacia da cidade de Mogy-mirim 2 de outubro de 1856.—Illm. e Exm. Sr. presidente da provincia de S. Paulo.—O delegado de policia Manoel Netto de Oliveira. Está conforme.—O amanuense Antonio Louzada Antunes.

(COPIA) Illm. Sr.—Devolvo á V. S. o officio do delegado de policia da cidade de Mogy-mirim, que me foi transmittido por ordem da Exm. Sr. presidente da provincia com seu officio desta data, afim de fazer o interrogatorio ao desertor Gregorio José Inglez, o qual sendo perguntado respondeu o que se acha declarado no interrogatorio que transmitti á V. S. para chegar ao conhecimento do mesmo Exm. Sr. Deos guarde a V. S.—Quartel do corpo de guarnição fixa de S. Paulo 7 de outubro de 1856.—Illm. Sr. capitão Francisco de Assis de Araujo Macedo, capitão ajudante de ordens.—José Antonio da Fonseca Galvão, tenente-coronel commandante. Está conforme.—O amanuense, Luiz Antonio Corrêa.

(COPIA) Corpo de guarnição fixa de S. Paulo 7 de outubro de 1856.—Gregorio José Inglez, declarou ser natural da freguezia de Itapericica, filho de Pedro José Inglez, assentou praça no corpo de municipaes permanentes da corte, em cuja data commandava aquelle corpo o Sr. tenente-coronel Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, o serviu na 2ª companhia, a qual commandava o Sr. capitão José Custodio. Respondeu mais que serviu somente um anno, e 8 mezes, e que achava-se desertado a 2 annos, sendo agora preso na cidade de Mogy-mirim pelo delegado de aquelle lugar.

Assignado Manoel Joaquim de Toledo, alfores secretario.

(COPIA) Illm. Sr.—Communique á V. S. que mandei pôr á sua disposição Gregorio José Inglez, que se acha preso no quartel do corpo-fixo, visto ter sido reconhecido desertor do corpo de permanentes da corte, afim de que V. S. dê-lhe o competente destino. Junto encontrará V. S. o interrogatorio e mais papeis relativamente ao mesmo desertor. Deos guarde a V. S.—Palacio do governo do S. Paulo 10 de outubro de 1856.—Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos.—Sr. Dr. chefe de policia. Está conforme.—O amanuense Luiz Antonio Corrêa.

Ao delegado de Santos.—N. 25.—Illm. Sr.—Secretaria da policia do S. Paulo 7 de novembro de 1856.—Remetto á V. S. o desertor do corpo de municipaes permanentes da corte Gregorio José Inglez, afim de que V. S. o faça seguir para aquelle lugar a entregar ao chefe de policia respectivo, com o officio incluso; devendo V. S. fazer a despesa com seu transporte, e enviar a conta para ser satisfeita. Deos guarde a V. S.—Antonio Roberto de Almeida.

Ao chefe de policia da corte.—Illm. e Exm. Sr.—Secretaria da policia do S. Paulo 7 de novembro de 1856.—Em virtude do que me foi ordenado pelo Exm. governo desta provincia, remetto á V. Ex. Gregorio José Inglez, desertor do corpo municipal permanente dessa corte, como

consta dos interrogatorios inclusos, afim de que V. Ex. se digno dar ao mesmo o conveniente destino. Deos guarde a V. S.—Antonio Roberto de Almeida, chefe de policia.

ANNUNCIOS.

257000.

DAS-SE vinte cinco mil reis de gratificação, e paga-se todas as despesas que se fizer a quem prender, e entregar em São Paulo ao Sr. Luiz Antonio Gonçalves, e em Mogy ao Sr. Major Manoel Netto de Oliveira, uma escrava de nome Antonia, parda tocada a cabra, estatura regular, bem feita de corpo, esperta para lidar, lava, cozinha, e engoma mal, tem falta de dentes do lado direito e alguns que tem são abertos a canivete e apontados, e tem por costume fumar sigarro; levou um vestido de chita roxa, 3 camisas de algodão americano, e uma saia de morim entre-fino, a dita escrava, evadio-se da villa de Jaguary no dia 25 de outubro do corrente anno, e pertence a Policarpo Rodrigues da Silva, o qual o comprou no dia 12 do dito mez a viúva do finado Salvador Lopes D. Maria da Costa, a qual a poucos mezes foi buscar a dita escrava em Mogy-mirim para onde a escrava foi conduzida pelo segundo marido da dita viúva José Rodrigues da Silva, e em Mogy esteve depositada em casa do Sr. major Brito, e suppõem-se q' ella será conduzida pelos lados de Botucatu; por tanto roga-se a quem a achar de a conduzirem para estes Srs. onde receberão gratificação, e despesas, em Jaguary a Policarpo Rodrigues da Silva.

PELA mesa da Santa Casa de Misericordia se faz publico, que ficou transferida para o dia 23 do corrente mez a arrematação dos bens do fallecido Antonio Barboza, no Consistorio da Igreja, pelas 10 horas da manhã do mesmo dia.

LUIZ AUGUSTO MENDES DE ABREU

Summamente gratos a todas as pessoas de sua amizade e de seu fallecido irmão Agostinho Mendes de Abreu, que tiveram a caridade de a companhia até o jazigo os restos mortaes do mesmo muito cordialmente lhes agradece esta prova de amizade e estima, o que não pôde fazer pessoalmente por isso recorre a este meio.



A' Bernardino José de Aruda morador do Jaguary, municipio de Mogy-mirim, fugio em principio do mez de outubro do corrente anno, um escravo de nome Hilario com os signaes seguintes: crioulo, estatura regular, cor meio fula, idade de 30 annos mais ou menos, duas ou tres cicatrizes no beiço inferior e no queixo, muito ladino e fallador: suppoem-se ter tomado para as partes de Canna-Verde ou Franca.

Ao mesmo fugio em fim de outubro proximo passado um outro escravo de nome Theophilo, com os signaes seguintes: crioulo do Maranhão, idade de 25 annos mais ou menos, estatura regular, delgado de corpo, rosto comprido, gago no comecar á fallar: presume-se ter hido para as bandas de S. Paulo ou Santos.

Quem de qualquer d'estes escravos der noticia certa ou entregar qualquer d'elles á seu senhor, ou ao commendador Joaquim José Soares de Carvalho em Campinas, receberá boa gratificação. 1-3

Ubatuba

O abaixo assignado negociante d'esta cidade tendo de ausentar-se

d'ella por algum tempo, faz publico que nada deve n'esta cidade, na Corte do Rio de Janeiro, e outros lugares, por onde tem tido e tem transacções commerciaes; advertindo que se algum se julgar seu credor haja de apresentar suas contas ao annunciante, ou no Rio de Janeiro ao Sr. José da Cruz Vianna á rua do Rozario n. 25 para ser satisfeito. Uatuba 8 de novembro de 1856.—Luiz José da Silva Guimarães. (1-3)

Atenção.

NESTA typographia se dirá quem tem para vender uma escrava de 20 annos, de idade, perfeita costureira, engomadeira, cozinha e faz todo o serviço de uma casa, e tem uma cria; de 6 mezes.

Manoel José Ferreira Bitancourt faz leilão no Piques nos baixos da casa do Sr. Maneco Boiadeiro, sabado 22 do corrente as 4 horas em ponto da tarde (por conta de uma pessoa que se retira d'ista cidade) de uma nova linda mobilia, e mais objectos, como vasos, mangas, castiças, espelhos, relógio, corrente de ouro de lei; rica rede, pente de volta para cabelo &c.

Tudo pôde ser examinado na casa acima referida na manhã do dito dia.

Antonio Bernardo Quartim, negociante de fazendas desta cidade, participa aos seus amigos, e as pessoas a quem interessar que mudou sua casa de negocio, da rua do commercio n. 40, para a de n. 5 da mesma rua, onde encontrarão um grande e variado sortimento de todas as fazendas por commodos, e por atacado pelos preços do Rio de Janeiro. (1-6)

O armazem de Manoel José Ferreira Bitancourt na ladeira de S. Francisco, contiguo loja do Sr. José Luiz de França Pinto, existe um grande deposito de vinho de Lisboa de superior qualidade em 5.º e 10.º Superior fumo do Quilombo para tabaco, sal, sabão, e seboas do Porto. Todos estes generos vendem-se por preços commodos e devem convir aos Srs. negociantes da praça em preferencia ao de mandal-os vir de Santos.

COLLEGIO ATHENEO PAULISTANO. AULAS.

Recebem-se nas aulas deste collegio todos os alumnos externos que os quizerem frequentar. Achão-se encarregadas das aulas, de philosophia o Sr. Dr. João Theodoro Xavier, e de geometria o Sr. Higinio Alvares de Abreu, ficando assim este collegio com 13 aulas diarias, regidas por 10 professores de reconhecida aptidão, capazes de levar os seus discipulos ao brilhante fim que tem em vistas.

FERIAS.

Tenho resolvido privar-me dos commodos e economias que me resultariam das ferias, e não dar ferias durante o anno, além de um dia ou outro guardado pela igreja, pois convenço-me que as ferias são perniciosas aos alumnos, que voltação de suas casas sensivelmente atrasados, e os que vão a ferias em Novembro, Dezembro e Janeiro, deixão de fazer seus exames em Fevereiro e Março. Se algum pai quizer que seu filho o visite deve mandal-o buscar de 15 de Março em diante, e fazel-o voltar até o fim de Abril, porque tendo assim ultimado seus estudos e exames, tem visitado seu pai, e vem continuar seus estudos do 1.º de Maio em diante, (sem prejuizo algum) nesse tempo em que se devem formar as classes no collegio, afim de poderem apresentar resultados em Novembro.

EMPREGADOS.

Neste collegio precisa-se de dous em-

pregados para inspectores de monino, pagando-se um bom ordenado livre de despezas. Os pretendentes podem dirigirem-se ao mesmo collegio, casa n. 12, na ladeira do Porto Geral.

Atheneo paulistano 16 do Novembro de 1856

O director,

Julio Marianno Galvão de Moura Lacerda. (1-3)

José Marque da Cruz & C.º rtpaipcipião ao respeitavel publico, e com especialidade a seus freguezes, que no seu armazem de molhados, cristaes, louça e outros generos, ha para vender um grande e variado surtimento de vinhos finos como Constança, Xeres, Carcavellos, Duque, Torres Vedras, Cartaxa, Muscatel de Setubal, e Frontignan, Lavradio, Derridiana de S. Jolian Medoc, Chateau Lafite, Chateau Laroge, Xirech, Ditter, Madeira, Porto, Champagne Perrier, Cherry Cordial &c.

Queijos chegados pelo ultimo paquete, como, Londrino, Pinha, Parmazon, Reno, &c. Peixes francezes em Latas, como Lampreia, Homara, Thun, Sanmon Franches, e muitos outros generos, como doces, frutas seccas &c. que tudo será vendido por preços commodos. (6-8)

JOSE' Philippe Salman, relojoeiro estabelecido nesta cidade na rua de S. Bento n. 16, participa fóra o publico d'esta capital, e de o R que muda sua residencia para dosio de Janeiro, por isso roga á tomar os seus freguezes queirão proccurem de seus relógios, e satisfazerem seus vilitos. O annunciante está resoltido a dispôr dos objectos que ainda em para vender, pelos custos do Rio, salvando unicamente as despesas; as pessoas que quizerm alguma cousa das que résta ao annunciante, podem dirigir-se á mesma a qualquer hora do dia: S. Paulo 18 de novembro de 1856.

JOÃO Pedro Schevindt, declara e faz publico, que se acha dissolvida a sociedade que tinha estabelecido n'esta cidade com o Sr. Adolfo Schritzmeyer, e que era conhecida pela firma de João Pedro Schevindt & Companhia ficando todo o activo e passivo a cargo do referido Sr. Adolfo Schritzmeyer, e o annunciante exonerado de toda e qualquer responsabilidade. S. Paulo 18 de novembro de 1856.

Baile mascarado NO

THEATRO DA CAPITAL em beneficio do BARBOSA Sabbado 22 de Novembro de 1856.

Depois de uma escolhida ouvertura principiará o baile pela Quadrilha.

A NOVA PAULISTA.

Depois seguir-se-hão as quadrilhas.

I MARTYR.

Propheta e outras. No intervalo de cada quadrilha dançar-se-ha diversas.

SCHOTISCHS

No intervalo da meia hora, em obsequio ao beneficiado os professores da orquesta executarão uma linda ouvertura.

NO BAILE TERA' DOIS MESTRES SALLA.

Principiará o baile as 9 horas da noite e findará as 4 da manhã. A entrada será annunciada por uma girandola.

O beneficiado espera pela primeira vez receber do respeitavel publico desta capital a sua benevola protecção pela qual desde já se confessa grato.

Os bilhetes achão-se a venda no escriptorio do Theatro.